



**SOCIEDADE  
GLOBAL** FACILITANDO  
A TRANSIÇÃO

**DOSSIÊ DE PROPOSIÇÕES**  
**“Estudos e pesquisas a serviço da sociedade”**

*Ensino, Pesquisa e Conhecimento*  
*Democracia, Desenvolvimento e Cidadania*  
*Planejamento, Governança e Cidades*

***Diego Henrique da Silva Baptista***

***Curitiba, 2016.***

## Autobiografia

Meu nome é Diego Henrique da Silva Baptista, nascido em 17 de Julho de 1985 em Curitiba. Fiz graduação em Relações Internacionais na Unicuritiba em 2006, especialização em Estratégia e Sustentabilidade Empresarial pela FAE em 2009, Mestrado de primeiro nível no Centro de Formação Internacional da OIT em Torino na Itália em 2010 e com Mestrado Profissional em Planejamento e Governança Pública na UTFPR não finalizado em 2016. Empreendedor social fundador da Sociedade Global, consultor na NOZ Cocriação e Desenvolvimento em Sustentabilidade, atualmente é Professor de Administração na Universidade Tuiuti do Paraná e Supervisor do Centro de Inovação, Pesquisa e Negócios PIMENTA.

Essa seria a forma mais tradicional, formal e superficial que eu poderia me apresentar, no entanto, de forma complementar, minha intenção é compartilhar alguns aprendizados e reflexões sobre a trajetória pessoal e profissional como empreendedor social, pesquisador livre, autodidata, curioso pela vida e idealista sobre a humanidade. Posicionar-nos enquanto seres que refletem sobre como o mundo nos é dado, seus limites e possibilidades nos tornam indivíduos pensantes, autônomos e protagonistas de nossas vidas. Foi assim que eu descobri o sentido do conjunto de crenças e valores que fazem do mundo como ele é, e, sobretudo, do poder da esperança do que pode ser.

Como estudante de relações internacionais compreendi que o mundo era movido pelo poder, seja por meio da competitividade ou da cooperação, que existia a teoria do realismo tendo como meio a maximização do poder a existência do conflito, a teoria do idealismo na busca da paz e do desenvolvimento, e a teoria da interdependência complexa que assumia a existência de diversos atores que interagiam no sistema internacional em processos de acordos e balanceamento. Durante toda minha graduação me frustrei na busca por uma “colocação no mercado de trabalho” que não entendia ou acreditava, enquanto me envolvia em segundas iniciativas voluntárias para suprir minha ânsia por experiência e conhecimento que pudesse realmente dar significado para a minha carreira. Esses paradigmas de pensamento me encaminharam a estudar e pesquisar sobre outra globalização possível, o que veio a ser título do meu TCC “*Cidadania Global e Democracia Cosmopolita*”. Foi minha primeira grande disrupção nos modelos acadêmicos com uma monografia de 140 páginas feita com uma orientação parcial e uma aprovação equivalente na banca, simplesmente não compreendia a limitação da minha curiosidade e pensar com a dita regra de deveria me restringir a um objeto de pesquisa compreendido pela academia, eu queria descobrir e revelar desde já novas perspectivas. O universo das descobertas sempre me fascinou, não fazia sentido empregar meu tempo se não fosse para criar e identificar que o meu idealismo poderia ser pragmático e já estava acontecendo em algum lugar. Isso tudo me serviu de inspiração fundamental para materializar essa visão de maneira pragmática mais tarde com a fundação da Sociedade Global, que no fundo derivou das teorias e conceitos estudados na minha graduação.

A frustração de não encontrar uma forma de trabalho relacionado ao ideal de paz e justiça nessa trajetória foi uma grande descoberta nos primeiros anos como recém formado, após uma experiência na área de educação intercultural, percebi que o trabalho também poderia ser guiado pelo propósito de acreditar e criar novas formas, foi quando após minha primeira demissão, meu então chefe me dispensou com um empurrão dizendo “você tem perfil para empreender”. Resolvi acreditar nesse empurrão e guiado pelo descobrimento do campo de empreendedorismo social, me questioneei sobre qual era a responsabilidade da minha profissão perante a sociedade e o que eu poderia fazer para viver mais o que eu acreditava. Durante 2 anos me dediquei a convidar colegas e fazer atividades para fomentar a conversa sobre as possibilidades de atuação do internacionalista na universidade e no mercado de trabalho. O que inicialmente era para ser uma Associação de Relações Internacionais se tornou uma organização da sociedade civil com modelo híbrido de funcionamento que permitiu o aprendizado da prática do que seriam profissionais do desenvolvimento que escolhem descobrir caminhos para a realização pessoal, a satisfação profissional e a contribuição com a sociedade.

A Sociedade Global foi fundada em 2009 e desde então sempre nos questionamos sobre qual era o papel da educação e capacitação das pessoas para que pudessem ter as competências e ferramentas necessárias para compreender os desafios do mundo e saberem como fazer frente a esses. Nesse momento começava a propor novas formas de buscar a formação pessoal e profissional para além das universidades, dando a possibilidade para que jovens como eu refletissem e ressignificassem suas carreiras, além de desenhar uma estrutura organizacional que permitia a modelagem de diferentes formas de trabalho, projetos e serviços. Era a transformação que eu mesmo vinha buscando e experimentando, minha curiosidade se tornou objeto de pesquisa, profissão e opção de vida.

Como recém empreendedor, agradeço as formas de aprendizado que fui descobrindo, seja com muita participação em eventos que faziam sentido para o que eu queria fazer, até o relacionamento com guias, mentores,

colegas, e as inúmeras pesquisas de referências e materiais que me ajudaram a trilhar meus próprios caminhos profissionais.

Eu tinha como planos terminar o doutorado antes dos 30 anos e seguir a cartilha de todas as etapas, então parti para a primeira pós-graduação, sempre na perspectiva que deveria me ajudar naquilo que eu queria oferecer de contribuição para o mundo. A especialização me proporcionou conhecimentos técnicos primordiais como o Planejamento Estratégico, Plano de Negócios, Práticas de Consultoria, Ferramentas de Responsabilidade Social, Governança Corporativa e Sustentabilidade Empresarial que me ajudaram tanto a organizar melhor o planejamento e gestão da Sociedade Global como me abriu a perspectiva de que poderia trabalhar com diversas áreas de atuação. Nessa experiência escolhi também fazer um TCC por vontade de aproveitar aquele tempo para concretizar minhas busca por conhecimento no que chamei de “*Novas formas e estratégias de educação para a sustentabilidade*”, mais uma vez esbarrei nos formatos acadêmicos não sendo minha pesquisa validada, mas claro que dei um jeito de aproveitá-la integralmente e colocá-la em prática subsidiando desde então todas as referências e abordagens de educação que desenvolvi.

Como ainda havia o desafio de sustentabilidade financeira da ONG busquei oportunidades de trabalho em áreas de responsabilidade social, o que na época era ainda incipiente ou tinha muito remanejamento de pessoal interno para essas funções, o que novamente gerou frustração com as possibilidades e limitações do mercado de trabalho. Acabei ampliando minha busca então de mestrados que me proporcionassem o acesso a esse tipo de conhecimento de como resolver os problemas do mundo, foi quando encontrei o *Master in Management of Development*. Era a junção do que eu estava buscando, uma forma de estudar e pesquisar sobre teorias do desenvolvimento, além de ferramentas de gestão de projetos de desenvolvimento da forma como os chamados *practitioners* das agências internacionais de desenvolvimento usavam, além de vivenciar um organismo internacional ligado a ONU e no país de minha descendência, depois de conseguir uma bolsa parcial me lancei. O programa tinha o formato *blended learning* e começava à distância por 4 meses de estudos preparatórios antes do mais de 40 alunos de vários países se encontrarem por mais 6 meses presencialmente.

Esse tempo no Centro de Formação Internacional da OIT me proporcionou uma vivência incrível de novos conhecimentos e formas de se aprender, sendo que um dos requisitos era elaborar uma proposta de projeto de desenvolvimento, me possibilitando mergulhar num tema que me era de preocupação cotidiana na minha cidade de origem “*Os catadores de materiais reciclados no Brasil: uma abordagem de desenvolvimento da cadeia de valor para o trabalho decente e emprego verde*“. Além de aprender teorias e ferramentas que me ajudariam a ser um profissional do desenvolvimento, por ser um Centro de Formação Internacional, tive contato com metodologias de criação e compartilhamento de conhecimentos mais interativas utilizadas para programas destinados a profissionais e representantes de diversas instituições internacionais e nacionais no mundo, tendo me lançado em participar de diferentes oportunidades de aprendizado em outros cursos de curta duração e por meio do estágio de mais 6 meses que tinha conseguido no mesmo centro de formação.

No último mês no exterior planejei um roteiro em países que teriam eventos, cursos e outras possibilidades que eu poderia aprender mais ainda sobre o que eu estava buscando me lançando em escolas de verão, conferências e oportunidades de encontrar mais profissionais do mundo inteiro que estavam trabalhando para mudanças. Por fim havia experienciado um ambiente internacional mais perto do tipo de carreira que eu queria ter, além de que durante esse tempo no exterior aprendi a trabalhar à distância, percebi como ser um empreendedor me abriu portas, além de ter me engajado na Rede Internacional da Carta da Terra aprendendo a trabalhar globalmente por meio de plataformas virtuais que geravam o compartilhamento de conhecimentos e engajamento com jovens líderes de diferentes países que estavam compartilhando da mesma busca que eu.

Ao voltar ao Brasil, enquanto dava aula de inglês para sustentar meus sonhos de encontrar formas de trabalhar efetivamente com o que eu havia aprendido, em pouco tempo de busca, me deparei com diferentes oportunidades que dariam mais um rumo para a minha vida e profissão. Sempre valorizei as possibilidades da educação informal para suprir as lacunas de ofertas de cursos e experiências inovadoras e relevantes, algumas que me aventurei e me ajudaram muito a trilhar minha profissão foram o *Programa Educação Gaia de Design para a Sustentabilidade* e o encontro da *Arte de Anfitriar Conversas Significativas* que me proporcionaram um conjunto de visões e ferramentas novas para transformação da sociedade que eu buscava compreender.

Logo em seguida dessas experiências, me surgiu a possibilidade de em parceria com outra pessoa me tornar sócio de uma consultoria. A idéia de uma empresa complementar me agradava então me lancei ao segundo empreendimento criando mais uma frente de trabalho nesse caso atuando diretamente com as empresas e apoiando elas no caminho da sustentabilidade. Na mesma época consegui indicações para dar aula de Relações Internacionais, havia poucos professores disponíveis no mercado na época, mesmo não conseguindo validar o

Master no Brasil, fui contratado como especialista e iniciei uma nova trajetória como docente e consultor. A partir daí me deparei com os desafios de conciliar diferentes áreas e formas de atuação profissional e vivenciar por dentro o que era dar aula na universidade.

Na primeira universidade que lecionei, peguei a última turma de Relações Internacionais antes de o curso fechar, o que já me desafiou muito em termos de compreender o funcionamento mercadológico das instituições privadas de ensino superior, assim como os desafios de motivação dos alunos. Em paralelo consegui aulas em outra instituição no mesmo curso, e já vinha experimentando um estilo de dar aula que era muito mais para a figura de um facilitador do que de um professor. Acreditava que os alunos eram o centro da aprendizagem e que poderia criar aulas mais interativas para que pudessem se expressar. De fato muitos percebiam e gostavam dessas metodologias, mas ainda não era o pensamento vigente, minha inexperiência como professor e a insatisfação de alguns alunos, somada com a relação clientelista do aluno com a universidade e minha baixa avaliação de acordo com os critérios tradicionais de ensino me levaram a ser dispensado. Ali me deparei com questionamentos ainda mais profundos sobre a lógica do sistema de ensino superior, toda cultura e estrutura que sustentava um sistema que reproduzia práticas e formas de pensar que em suas consequências são responsáveis pelas pessoas e processos que criaram os problemas que vivemos em sociedade.

Durante esse tempo já estava experimentando formas alternativas de proporcionar capacitação profissional para os recém formados e pessoas buscando mudar suas carreiras com alguns anos desenhando e facilitando o *Programa Jovens Profissionais do Desenvolvimento*, dizia que estava criando um sistema alternativo de educação continuada e inspirando muitos jovens a despertarem seu potencial de transformação da sociedade, com uma diversidade de metodologias que fomentavam a inteligência coletiva e formas colaborativas de aprender e criar juntos. Fui convidado para dar palestras e fazer facilitações em diversos espaços nos mais diversificados temas, exerci uma participação ativa em mobilizações e projetos na cidade e me envolvi em mobilizações por causas que eu acreditava. Todos esses feitos me levaram a uma série de premiações, reconhecimentos e oportunidades na vida como a participar como representante do grupo de ONGs e juventude na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável a RIO+20, que como internacionalista novamente era muito gratificante.

O significado e impacto do que eu estava experienciando como empreendedor com a autonomia para desenvolver métodos que percebia ser mais pertinentes e aplicáveis para responder a complexidade do mundo, para os desafios da sociedade e as possibilidades das pessoas, no fundo era o que mais contava. Decidi não mais me dedicar ao ensino superior formal como docente enquanto buscava me preparar de outras formas, inclusive tentando outros programas de mestrado no Brasil para ter um diploma validado. Comecei a procurar linhas de pesquisa complementares, tentei alguns processos seletivos até que fui aprovado no mestrado em Planejamento e Governança Pública na Universidade Tecnológica do Paraná. Um pouco antes tinha conhecido a coordenadora do curso de administração da Universidade Tuiuti do Paraná numa proposta de consultoria para um projeto de inovação que tinha sido indicado por outros colegas da área. Logo após uma reunião perguntei para a coordenadora se precisavam de professores de responsabilidade social e que eu tinha interesse nas propostas que estavam implementando de *metodologias ativas de ensino e aprendizagem*, foi aí o meu retorno aos ambientes acadêmicos mais uma vez.

Entre 2014 e 2016 então vivenciei os desafios da transição como professor que já podia ser chamado de facilitador de metodologias ativas de ensino e aprendizagem, e como pesquisador mestrando em um programa de pós-graduação. Esses anos representaram muitos desafios estando dentro do sistema formal e tradicional de ensino superior tomado pelas suas contradições, limites e insuficiências culturais e institucionais. Foram anos muito demandantes sustentar três frentes de trabalho, mais um programa de mestrado com alto nível de exigências regimentais que me faziam compreender na pele os dramas e estresses que mestrandos e doutorandos sofriam pela rigidez acadêmica.

Acredito ter superado meus descontentamentos quase que cotidianos e mantido a motivação, pois de alguma forma poder criticar o sistema educacional, pesquisar teorias, conceitos e práticas para além da perspectiva restrita que me era apresentada nas leituras recomendadas, de alguma forma encontrar minhas próprias linhas de pesquisa e principalmente conseguir ter aplicação prática imediata e simultânea da minha pesquisa nas minhas profissões, fizeram com que a intenção de estar em um programa de mestrado fosse muito além da obtenção do título de mestre, e que dar aula na universidade era muito mais do que um *status* profissional, era um compromisso com a emancipação de jovens que perderam o senso de realidade da sociedade e potencial latente que habita dentro de cada um.

Estava determinado a complementar meu escopo de atuação compreendendo a fundo a dinâmica de funcionamento e relação entre governo e sociedade refletindo principalmente sobre a minha cidade, minhas

experiências e propostas como empreendedor social e buscando identificar quais eram os novos princípios e práticas de planejamento e governança pública que poderiam apoiar a atualização da administração pública na interação com os diferentes segmentos da sociedade. E cada vez mais interessado e reconhecido como facilitador de ambientes de aprendizagem, espaços de participação e colaboração, seja dentro da universidade, ou fora como consultor e empreendedor social.

Minha pesquisa *“Princípios de governança e deliberação no desenho institucional da revisão do plano diretor de Curitiba entre 2014 e 2015”* acabou não sendo finalizada no formato de dissertação, mas representou insumos importantes para uma nova frente de atuação na Sociedade Global que chamei de metodologia de impacto sistêmico. Para mim era gritante a necessidade e pertinência de se abordar tal tema no âmbito do programa, o que entre os colegas e colegiado não se parecia ser incentivado, principalmente em termos do que esta acontecendo localmente. Acontecia que era justamente a minha atividade profissional que eu estava fortalecendo e aplicando na prática. A metodologia reuniu a experiência de ambientes de aprendizagem transformadora, ferramentas para análise de desafios sociais complexos, desenho de inovações sociais para a mudança sistêmica em um conjunto de ferramentas que apoiariam processos de articulação e integração de atores da sociedade na construção coletiva de soluções para a cidade em conjunto de métodos e ferramentas que se transformarão em um guia e *toolkit* para apoiar pessoas e instituições em diversas áreas de atuação interessadas em processos de mudança sistêmica. Sendo para mim esse um dos principais resultados desse período de pós-graduação, o que não era a percepção e critérios do programa. Refletir sobre os acontecimentos diurnos da cidade, do estado e do país, se utilizar metodologias e referências diversas, fomentar o diálogo acadêmico entre os mestrandos estava distante da prática normativa e da tradição de muitos docentes e discentes, salvo algumas raras exceções, tudo acaba se limitando em leituras, seminários e artigos previstos nas ementas e planos de ensino. Entendi que para recriar um sistema de ensino e pesquisa ou qualquer outro sistema, é necessário vivenciá-lo por dentro profundamente.

Mesmo já aplicando de forma empírica meus conhecimentos no desenho de metodologias e métodos de governança e desenvolvimento na cidade, busquei a validação da academia até as últimas possibilidades para cumprir com os requisitos de obtenção do título de mestre na minha limitação de tempo para atender as obrigatoriedades da academia. Tendo concluído todos os créditos de disciplinas, organizado seminário, produzido artigos, feito estágio obrigatório e banca de qualificação até não conseguir ter um artigo publicado e outro submetido a revista científica com um mês antecedência da data de banca final e ser desligado do programa.

No fundo tinha um sentimento de injustiça, pois tinha convicção de que todo meu trabalho profissional e acadêmico tinha relevância e contribuição direta para o que eu estava estudando, tentei de várias formas demonstrar isso na esperança de ter a flexibilização e compreensão do programa para dar continuidade, mas acabei barrado pelo cumprimento do regulamento. Em paralelo ficou evidente para mim tanto as barreiras como a urgência de se atualizar as metodologias de ensino e pesquisa, em minhas aulas percebi a resistência cultural de alunos e professores em adotarem novas práticas, nas aulas do mestrado via a limitação da rigidez do cumprimento dos planos de ensino, produção de conteúdos, formatos das aulas e dos debates entre os mestrandos e professores que em grande parte reproduziam e reafirmavam as lacunas do ensino, da pesquisa, do papel do docente e discente na pós-graduação. Ao mesmo tempo percebia que os resultados da minha experiência como empreendedor e facilitador demonstravam relevância e pertinência para as pessoas e para o mundo, foram centenas de pessoas que se transformaram de alguma forma pelos processos que eu desenhei e facilitei com diversos outros profissionais ao longo desses 10 anos de atuação.

Essas motivações me levaram a assumir com mais determinação a busca por consolidar reflexões, aprendizados e propostas para novas formas também de se produzir e compartilhar o conhecimento. Há algum tempo atrás tomei contato com as propostas de doutorado informal e outras práticas inovadora que traziam a perspectiva da aprendizagem livre como caminhos alternativos para as pessoas na educação continuada de forma mais autônoma e colaborativa. Então tomei a coragem de dar um salto para criar meios próprios para a pesquisa, produção e divulgação do conhecimento acumulado e criado a partir, para e com a sociedade nesses anos de prática profissional.

A idéia de banca coletiva vem de várias experiências de avaliação de trabalhos no ensino superior e da experimentação de novos formatos também na educação informal. Estou propondo uma banca coletiva, pois todos os interessados têm condição de apontar suas críticas e trazer contribuições valiosas de seus pontos de vistas que podem muitas vezes ser mais profundos e pertinentes do que os detentores da autoridade de doutores. Ainda que eu reconheça, valorize e admire aqueles doutores e docentes que também questionam as próprias estruturas e buscam sua responsabilização pela forma como as coisas são e podem ser, no meu ponto de vista papel primordial do pesquisador intelectual.

A modalidade de mestrado informal acaba sendo apenas uma alusão ao modelo tradicional que visa dissertar sobre um tema com a aplicação de métodos científicos, além de validar a capacidade de pesquisador e docência do mestrando, no meu caso como era um mestrado profissional que visava justamente a capacitação profissional, mas que em seu escopo mantinha-se muito do formato acadêmico. A dissertação em seu formato de qualquer forma limita o papel do pesquisador como observador do objeto e problema de pesquisa com relativa dependência e restrição de originalidade de ideias próprias e refém do rigor técnico e científico. Ser desligado do programa me permitiu perceber que a grande importância de uma pesquisa é a sua validade e aplicabilidade para a sociedade, e que o mais coerente seria atender a autonomia e condição única de cada pesquisador, assim poderia propor outros formatos para além dos que conferem o aval de um banca de doutores ou das publicações e aceites em revistas científicas.

Espero que esse Dossiê possa servir de inspiração e apoio para o trabalho de profissionais e pesquisadores que estão buscando novas referências e fontes de pensamento, e principalmente pessoas buscando inspiração para criar novas trajetórias de vida e carreira assumindo seu papel de cidadão protagonista na construção da sociedade que queremos viver. Que seja compreendido não como um sinal de rebeldia contra os sistemas vigentes, mas de libertação e emancipação para pensar formas alternativas e complementares que supram as lacunas dos sistemas institucionais formais.

Um dos meus propósitos hoje é proporcionar acesso ao conhecimento a partir de novos princípios e práticas que proporcionem inspirem pesquisadores e profissionais a desenharem a inovação das instituições, abordagens e procedimentos metodológicos que tragam flexibilidade e coerência ao que se propõem de forma mais alinhada às rápidas mudanças nos estilos de vida, educação e trabalho em sociedade. O mesmo hoje para mim se aplica como empreendedor social e consultor, depois de realizar muitas atividades de desenvolvimento pessoal e profissional ajudando pessoas e organizações a terem mais impacto social positivo, estão determinado e levar essas experiência para a vida em sociedade. Quero ter impacto direto e conseguir influenciar as estruturas de poder, recriar instituições e inspirar uma mudança no padrão de comportamento com uma transformação cultural profunda no caminho de uma sociedade mais integrada e colaborativa. Para mim hoje, se a integração foi estrategicamente alcançada, acredito que poderemos resolver qualquer desafio dentro das cidades, países e no mundo.

Como ser em constante aprendizado e evolução, tenho sido guiado pela busca da coerência e integridade do que penso e faço, nessa trajetória percebi que assumir a vulnerabilidade, a falha, o erro, dar margem para a improvisação e a intuição em um ambiente incerto e complexo, pode ser a forma de nos questionarmos e permitirmos reconstruir nossas realidades cotidianamente, a partir da reflexão da sua própria prática, forma de ser, pensar, sentir e agir em sociedade. Somos inacabados, cheios de vícios e crenças pré-formatadas que nos limitam, precisamos de humildade e coragem para assumir a imperfeição, e também somos dotados de capacidade imaginativa ilimitada para que a partir do outro e em contato reflexivo constante com a realidade atual e ideal, conseguirmos encontrar formas de nos transformamos diariamente para a melhoria da vida em sociedade.

Hoje entendo que muitos dos meus fracassos e insucessos foram as principais fontes de forças no caminho da compreensão e contribuição com a sociedade em todas as dimensões da minha vida. Que eu possa ter a calma e visão necessária para juntar os melhores dos mundos, o velho que resiste e luta para se reinventar, e o novo que floresce cada vez com mais força nas mentes inquietas que redescobrem o mundo e que eu possa fazer isso junto com os que desejam também descobrir e inventar esses caminhos.

Por hora penso em dar continuidade em pesquisas no formato do doutorado informal, e ainda reflito sobre a possibilidade de validar meus créditos do mestrado em algum outro programa, fazer um doutorado direto ou mesmo PhD no exterior. Mas o que tenho certeza é que, essa hoje em dia, é apenas uma das várias maneiras de se buscar, criar e compartilhar conhecimento, e que tudo que precisamos é curiosidade, determinação, informações e pessoas que possam nos ajudar em nossa caminhada.

Agradeço a todos que me apoiaram ao longo desses 10 anos, principalmente familiares, professores, orientadores, colegas de trabalho e amigos que me acolheram em minhas confusões e incentivaram minhas loucuras. Precisamos de mais conselhos do tipo “vai lá e faz”, do que os acomodados do tipo “é assim mesmo infelizmente e não temos o que fazer”. Para os que sonham com esse tipo de apoio que liberte a alma para a busca livre do sentido da vida e do trabalho, me coloco à disposição.